



INEZIL PENNA MARINHO

ARISTÓTELES, DESCARTES E BERGSON

o  
Diferenças no estudo das relações entre o corpo e a alma  
o

(Tese apresentada a concurso para a cadeira de Metodologia da Educação Física e dos Desportos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil)

Rio de Janeiro

1949



INTRODUÇÃO

O estudo das relações entre o corpo e alma é problema que tem preocupado não apenas os filósofos, mas também os biólogos e psicólogos.

De Demócrito e Leucipo, no período pre-socrático, a Binet e Bergson, em nossos dias, a interrelação ~~entre o~~ <sup>de</sup> corpo e espírito sempre constituiu tema para profundas meditações.

Nós, que militamos no setor da Educação Física, temos sido constantemente acusados de materialistas, de miólatas, de nos quedarmos na contemplação estática e narcisista de nossos próprios corpos, insensíveis às belezas espirituais. Nada mais falso. Desejamos tão somente um desenvolvimento progressivo e harmônico do corpo e do espírito, sem a predominância de qualquer deles, mas, antes e sobretudo, o admirável conjunto de que nos fala Aristóteles, pois a "alma é como o princípio de quanto vive", embora obter uma firme convicção sobre a alma seja das coisas mais difíceis (1). Se "a matéria é potência e a forma é ato" (2), o corpo corresponde ao que existe em potencialidade e a alma ao que existe em atualidade. Primeira potencialidade e primeira atualidade; primeira matéria e primeira forma são os elementos constitutivos essenciais do organismo (3).

Quando utilizamos a expressão Educação Física, não queremos significar o cultivo exclusivo do corpo, mesmo porque tal seria completamente impossível. Se os exercícios físicos atuam também sobre a for-

*Cláudio Bernard*

mação psíquica, não se trata apenas de educação física, mas, certamente, de educação por meios físicos (4). Se o organismo representa a síntese do espírito e do corpo, a educação terá de ser uma ou já não será educação (5). As expressões educação física, educação intelectual, educação moral, etc., que usamos, têm por finalidade atender apenas às "exigências da técnica de um complexo problema a ser resolvido, com os recursos tradicionais de que dispomos" (6).

Assim, Educação Física é uma impropriedade de expressão, de uso corrente, mas que não pode ser tomada ao pé da letra. Aceitamo-la, porque substituí-la no momento atual seria quase impossível. Daí a oportunidade do tema que escolhemos, que, para alguns, poderá parecer de masiadamente metafísico em se tratando de Educação Física. E lamentamos que o pauperismo de nosso equipamento de recursos e as limitações impostas pelos cânones a que deverá obedecer uma tese não permitam que o assunto escolhido seja tratado com a transcendência e beleza que bem merece.

Não pretendemos, outrossim, ser originais, mesmo porque não poderíamos modificar o que Aristóteles, Descartes e Bergson escreveram, mas, tão somente, trazer para o campo da Educação Física problemas que também lhe pertencem e que estavam adstritos às discussões bio-psico-filosóficas. E, ainda neste aspecto, em hipótese alguma desejamos ter a pretensão de pioneiros. Embora de forma diversa e sem a objetividade específica que tentaremos dar ao presente assunto, grandes nomes tiveram um pouco de sua atenção despertada para a matéria em aprêço, isto é, a interdependência <sup>de</sup> ~~entre~~ corpo e alma.

Platão, no sistema educacional que propõe em "A Republica", preconizou que, dos 7 aos 17 anos, a ginástica e a música se encarregassem de estabelecer a harmonia entre o corpo e o espírito (7).

Aristóteles afirmou textualmente: "Hoje a educação compreende geralmente quatro partes: a girastica, a gramática e a música, a ela se acrescentando às vezes o desenho. A ginástica e o desenho são con-

siderados úteis à vida e de um uso múltiplo. A ginástica <sup>(serve)</sup> para formar a coragem." (8). De onde se conclui que, embora atuando diretamente sobre o corpo, a ginástica também fortaleceria, pela coragem, a alma.

Juvenal sintetizou as relações entre o corpo e o espírito em dois versículos de uma de suas sátiras:

"Orandum est, ut sit mens sana in corpore sano

Fortemposce animum, mortis terrore carentem." (9).

Rabelais, precursor do realismo na pedagogia, ao traçar o plano educacional para Gargântua, sob a direção de Ponócrates, mestre de ampla visão e idéias modernas, que alijara os procedimentos do tradicional formalismo escolástico do velho mestre teólogo Tubal Holofernes impõe-lhe um pesado regime de trabalhos físicos (montar a cavalo, manejar a adaga, laçar, correr, saltar, manejar o machado para cortar lenha, jogar esgrima, nadar, trepar em árvores, transpor fossos com o auxílio de uma vara, gritar em altas vozes para fortalecer os pulmões, suportar grandes pesos durante muito tempo, brincar com a barra, atirar pedras o mais longe que pudesse), a fim de que exercitasse os nervos e os músculos, cuidando, destarte, do <sup>(como cuidava)</sup> corpo e do espírito (10).

Montaigne recomendava para a educação das crianças "o que devessem fazer quando fôsem homens", afirmando textualmente ao se referir ao educando: "Não é bastante enrijar-lhe a alma; é preciso também enrijar-lhe os músculos" (11). E continua: "Sei quanto cansaço o meu em companhia de um corpo tão frágil, tão sensível, que se entrega tão fortemente a êle." (11a). E, com grande sabedoria escreveu: "A alma que aloja a filosofia deve, por sua vez, tornar são também o corpo." (11b).

Rousseau concedeu à atividade física um cuidado especial: "É preciso que um corpo tenha vigor para obedecer à alma: um bom servo deve ser robusto." (12). E acrescenta: "Um corpo débil enfraquece a alma." Essas duas frases do grande paladino da liberdade da criança bem traduzem as suas idéias sobre as relações entre corpo e espírito. (12a).

Spencer, no seu ensaio sobre a "Educação Intelectual, Moral e Física" (13), considerou com a devida relevância os cuidados que o corpo deve merecer para a perfeição e a grandeza da alma. Desta forma, a atividade física não visaria exclusivamente a beneficiar o corpo, mas seria indispensável à existência e à lucidez do espírito.

Rui Barbosa, considerado a maior inteligência do Brasil em todos os tempos, também teve as suas vistas voltadas para o problema das relações entre o corpo e o espírito, devotando especial carinho à Educação Física. Assim, no seu célebre parecer sobre o projeto n. 224,

*Atenas a guastico sobre o corpo  
ou distanciat sobre a alma.*

"Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições complementares da Instrução Pública", consagrou muitas e muitas páginas ao tema em apêço (14). E eis aqui alguns excertos de tão precioso documento.

"As nações virís, de feito, não se conseguem formar senão pela cultura paralela e recíproca do corpo e do espírito, que não se podem absolutamente desquitar, senão para gerar anomalias e monstros."

"Há não se nega, inteligências superiores aliadas a corpos debéis, a organismos franzinos, anêmicos e nevropáticos. Quanto não custa, porém, a êsses desventurados a aplicação laboriosa da inteligência às altas produções mentais?"

Do exposto, depreende-se a grande semelhança de idéias com Montaigne, diferindo apenas em que êste toma a si próprio para exemplo, enquanto Ruy Barbosa o generaliza.

----- x -----

-----  
x  
-----

X Binet, estudando as relações entre a alma e o corpo, afirma que, à primeira vista, poderá parecer impossível confundir coisas tão diversas como um pensamento e um bloco de pedra, mas a reflexão profunda faz desaparecer o aparente extraordinário contraste (15).

No estudo da união do espírito e do corpo o problema consiste não em admití-la, mas, única e exclusivamente, em explicá-la. E é ainda Binet quem diz: "Tanto mais fácil parece demonstrar que essa união existe, quanto mais difícil explicar como se realiza; e a prova de dificuldade é o número de interpretações divergentes que se tem dado!" (15) X  
Como poderá um fenômeno psíquico aparecer no meio de fenômenos materiais? E os homens têm procurado responder a essa pergunta por meio de diversas explicações cujas principais tomaram os nomes de espiritualismo, idealismo, materialismo, paralelismo e <sup>monadismo.</sup> ~~monismo.~~

Escapa aos nossos objetivos e mesmo nos parece desnecessário interpretar cada uma dessas teses, porque as mesmas são do domínio geral. Bergson, no entanto, ao apresentar a sua teoria, faz uma exposição sucinta do pretendido pelas teses paralelista e materialista, da mesma forma que Aristóteles precede a apresentação de suas idéias sobre a alma de uma crítica às concepções arquitetadas anteriormente. Como são pontos de vista dos autores que escolhemos para o presente trabalho, aos mesmos faremos as oportunas referências.

*Monadismo  
paralelismo*

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) - Aristóteles - "Tratado del Alma" - Por Antonio Ennés, S.I. - Espasa-Calpe Argentina S.A. - B.Aires - 1943 - Págs.31.
- (2) - Idem - Págs.91.
- (3) - Brennan, R.E. - "Thomistic Psychology" - The Mac Millian Company - New York - 1948 - Pág.6
  
- (4) - Lindhard, J.- "Teoria de la Gimnasia" - Versión de Elfrida-L. Leopold - Orientacion Integral Humana- B.Aires -1945 - Pág.14
- (5) - Lourenço Filho, M.B. - "Psicologia e Educação Física" - in Revista de Educação Física nº 23 - Rio - 1935 - Pág.1.
- (6) - Lourenço Filho, M.B. - "Educação e Educação Física" - in Conferências sôbre Educação Física - Associação Brasileira de Educação Física - Publicação nº 1 - Rio - 1942 - Pág.14.
- (7) - Platon - "L'État ou la Republique" - Traduction Nouvelle par A. Bastien - Garnier Frères, Libraires - Éditeurs - Paris.
- (8) - Aristóteles - "Política" - Libre quinto: "De la Educacion en la ciudad perfecta" - in "Obras Completas de Aristóteles" - Traducción de D.Patricio de Azcárate - Ediciones Anaconda -B.Aires - 1947 - Tomo I - Pág.669.
- (9) - Juvenal - "Satiras" - Edições Cultura - São Paulo - 1943 - Satira X - Vers. 456 e 467.
- (10) - Rabelais, F. - "Gargantua" - Tradução de Paulo M.Oliveira - Athena Editora - Rio de Janeiro.
- (11) - Montaigne, M. - "Essais" - Librairie Garnier - Paris - Tomo I - Cap. XXV - Pág. 160.
- (11a) - Idem, Idem.
- (11b) - Idem, pág.170.
- (12) - Rousseau, J.J. - "Émile ou de l'Éducation" - Librairie Garnier - Frères - Paris - Nouvelle Édition - Pág.24.
- (12a) - Idem, Idem.
- (13) - Spencer, N. - "De l'education intellectuelle, morale et physique" Traduit de l'anglais -Paris - Felix Alcan - 1930. 6ème. ed.
- (14) - Barbosa, R. - "Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições complementares da Instrução Pública" - Parecer e Projeto da Comissão de Instrução Pública composta dos deputados Ruy Barbosa, Thomaz de Bonfim Epinola e Ulysses Machado Pereira Vianna - Relator Ruy Barbosa - Câmara dos Deputados - Sessão de 12 de setembro de 1882 - N.224 - Tipografia Nacional - Rio de Janeiro - 1883 - Págs.122 e 123.
- (15) - Binet, A - "L'Âme et le Corps" -Ernest Flammarion, Editeur -Paris - 1907 - Pág.1.
- (15a) - Idem, págs.178.

I

CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICA DAS RELAÇÕES ENTRE O CORPO E O ESPÍRITO

X  
Se observarmos as tendências filosóficas na psicologia desde os seus primórdios, três correntes se nos apresentam como principais: idealismo, positivismo e realismo crítico moderado. O primeiro reflete a concepção de Platão, o segundo traduz as idéias de Demócrito e o terceiro caracteriza as teorias de Aristóteles. Em última análise, essas três posições são atitudes epistemológicas. Para o idealismo só o pensamento é real, enquanto para o positivismo somente a matéria o é; só o pensamento ou só a matéria, isoladamente, são objetos válidos de conhecimento. Assim, o homem não será outra coisa que pensamento ou que matéria. No primeiro caso teremos o formalismo extremo que é a posição do idealista, enquanto no segundo o materialismo extremo que é a posição do positivista.

Há duas maneiras pelas quais os elementos do idealismo e do positivismo podem ser combinados: a) - pela doutrina platônica da união accidental entre o pensamento e a matéria; b) - pela doutrina aristotélica da união substancial entre o pensamento e a matéria.

E, consoante nos propusemos, tentaremos expor a concepção aristotélica das relações entre o corpo e o espírito.

----- X -----

Aristóteles levanta inicialmente uma questão de grande relevância: as afecções da alma pertencem tôdas ao sujeito da alma, ao composto de alma e corpo, ou há alguma que seja talvez exclusiva da alma? E afirma que a solução desse problema é necessária, mas não fácil.

Ao apreciar a opinião dos filósofos anteriores sobre a alma assevera que em duas coisas parece distinguir-se o animado do que não tem alma: no movimento e no sentir. Os antigos diziam que a alma é o

que move e, julgando que nenhuma coisa possa mover outra se não se move a si própria, acreditaram que a alma pertencia às coisas que estavam em movimento e, em consequência, que a alma é aquilo que dá movimento ao animado. Destarte, enquanto as demais coisas são movidas pela alma, esta se move a si mesma.

Aristóteles propõe-se a iniciar a sua investigação pelo movimento, admitindo a possibilidade de não apenas ser falso que a essência da alma seja qual dizem os que a descrevem como algo que se move ou pode mover-se, mas impossível que a alma tenha movimento. E a sua crítica a essa teoria pode ficar assim sintetizada: sendo manifesto que a alma move o corpo, é óbvio que o moverá com o mesmo movimento com que ela se move; e, então, reciprocamente, se pode dizer que com o movimento com que se move o corpo se move também a alma. O corpo se move por traslação, logo também a alma passará de um lugar a outro, como o corpo, movendo-se tôda ou alguma de suas partes. E admite ser coisa incômoda para a alma o estar unida ao corpo e não se poder do mesmo desligar; um contra-senso próprio desta idéia e de outras sôbre a alma, consiste em que a juntam a um corpo e nele a colocam sem explicar porque isso sucede e em que condições há o corpo de se encontrar.

Para o grande pensador, a alma não é uma harmonia, nem algo que se mova a si mesmo, nem número. E ainda: a alma não <sup>e</sup> está composta de elementos; nem tôdas as coisas têm alma. Sôbre as partes da alma pode-se perguntar, qual a função que cada uma delas exerce no corpo? Porque se é a alma tôda o que dá unidade ao corpo todo, cada parte da alma unificará alguma parte do corpo. Isto, no entanto, parece impossível, porque qual parte do corpo se unirá ao entendimento e como o fará? E assim conclui esta série de perguntas: ainda o imaginá-lo é difícil.

É coisa manifesta que as plantas e, dentre os animais, <sup>alguns</sup> os insetos, continuam vivendo quando seccionados; o que prova que tôdas as partes têm específicas, ainda que não numericamente, a mesma alma, pois cada parte tem sensação e se move localmente por algum tempo. Nada estranho é que não resistam muito em tal estado, já que carecem de órgãos para conservar-se. Não obstante, em cada parte do corpo estão presentes tôdas as partes da alma, que são homogêneas entre si e com o todo; e porque o são entre si, não pode uma parte separar-se da outra; e porque o são com tôda a alma, esta pode dividir-se em partes homogêneas. Parece também que o princípio que encontramos nas plantas é uma espécie de alma, porque só êste princípio têm de comum os animais e as plantas; e ainda que êste princípio se possa separar do sensitivo, sem êle nenhum ser humano pode ter sensação.

A exposição que acabamos de fazer representa o que de fundamen-

tal existe no livro primeiro do "Tratado da Alma", dedicado à crítica dos sistemas e das investigações precedentes. No livro segundo, sobre a vida e a sensibilidade, Aristóteles apresenta a primeira e a segunda definições da alma, explica as suas faculdades e estuda especificamente a faculdade vegetativa, a sensação, as classes de objetos sensíveis, a visão, a audição, a olfação, para concluir com uma síntese sobre as características gerais dos sentidos externos.

*Aristóteles*  
Procuremos determinar qual a natureza da alma e qual a sua definição mais comum.

A um determinado gênero de seres chamamo-los substância e a esta chamamos matéria se por si mesma não é algo real ("um todo"); e forma e espécie se se lhe pode aplicar o termo "um isto"; finalmente existe um terceiro gênero de substância composto dos anteriores. A matéria é potência e a forma é ato. Entre as substâncias se contam comumente os corpos e essencialmente os corpos naturais, porque estes são os princípios dos demais. Alguns corpos naturais têm vida, outros carecem dela. Entendemos por vida o alimentar-se por si próprio, o crescer e a *decaência* *decaência*. De onde se segue que todo corpo natural que participa de alguma vida será substância ou substância composta. E porque o corpo natural é um corpo pertencendo a uma determinada espécie a saber "dotado de vida", o corpo não pode ser alma; porque o corpo não é uma das coisas que se atribuem ao sujeito, senão que constitui o sujeito e a matéria. Por conseguinte, a alma é uma substância enquanto forma do corpo natural, que tem vida em potência. Mas a substância é ato. Logo a alma é o ato de um corpo desta classe.

Assim fica, pois, dito, de forma geral, o que é a alma: uma substância no sentido da definição de uma coisa. É o que constitui a essência de um determinado corpo. Suponhamos que um instrumento qualquer, por exemplo, uma segur, fôsse um corpo natural e perguntemos que é a segur? O que o indica, manifesta a substância e a alma da segur, pois que separada aquela substância e a alma, já não existiria a segur mais que de nome. Tal como é, só é uma segur (um corpo artificial). Mas a alma não é a forma e essência de um corpo desta classe, senão de um corpo natural determinado que tem em si o princípio do movimento e da quietude.

Convém considerar nas partes do organismo o que até aqui *Aristóteles* *te* mos dito. Se o olho fôsse um animal, sua alma seria a visão, posto que esta é a essência do olho no que expressa a sua definição. O olho é a matéria da visão e perecendo esta, já não existe o olho senão de nome, como um olho pintado ou de pedra.

Isto que se diz das partes, deve-se aplicar a todo o corpo do vivente. Posto que da mesma maneira que se relaciona uma parte com ou

tra, relaciona-se o conjunto dos sentidos com o corpo sensitivo enquanto tal. Não o ente falto de alma, senão o que a tem é o que está em potência para viver: o esperma e o fruto são tais corpos em potência.

Com o que fica provado que a alma não se pode separar do corpo ou algumas partes da mesma se é que ela pode dividir-se, porque o ato de algumas delas o é das mesmas partes do corpo. Mas não há dificuldade em que algumas outras sejam separáveis já que não são ato de nenhum corpo. Além disso, não parece claro se a alma é um ato do corpo como o navegante o é da nave.

Para começar a discutir a segunda definição da alma, Aristóteles afirma que o animado difere do inanimado pela vida. E como são muitas as significações da vida diz que vive o que tem ainda que seja uma só destas coisas: entendimento, sensação, movimento e quietude local ou movimento de nutrição, decadência e crescimento. Por isto se afirma que todas as plantas vivem; porque manifestamente têm em si uma potência e princípio em virtude do qual crescem em diversas direções <sup>nutrem-se</sup> e decaem. Este gênero de vida poderá estar separado dos demais, mas estes não se podem separar dela, nos mortais. Isto se vê claramente nas plantas, as quais não têm outra faculdade da alma. Assim, pois, os viventes têm vida graças a este princípio; mas os animais estão primeiramente constituídos pela faculdade sensitiva. Chamamos, com efeito, não só viventes mas animais aos seres que, ainda que não se movam nem troquem de lugar, tenham, contudo, faculdade sensitiva.

Sobre <sup>estas</sup> as potências de alma já citadas, uns viventes as possuem todas; outros, segundo dissemos, algumas delas; outros, uma só. Estas potências são: a nutritiva, a apetitiva, a sensitiva, a de mover-se localmente e a intelectual. As plantas só têm a faculdade de nutrir-se, os outros viventes têm esta, e, além disto, a de sentir; e se têm esta, terão também a apetitiva, porque tanto a concupescência como a ira e a volição são uma classe de apetição. Alguns animais possuem todas estas faculdades, outros algumas, enquanto outros uma só, o que fundamenta a diferença específica dos animais. Alguns têm, além destas qualidades, a de movimento local; outros a de raciocinar e o entendimento, por exemplo o homem, e se é que existe algum outro ser semelhante ou superior a ele.

É coisa certa então, que a definição da alma é uma, como o é a da figura, porque assim como não há figura que não seja triangular, retangular, etc., assim tampouco há alma que não seja alguma das mencionadas. Temos que averiguar, separadamente, qual é a alma de cada coisa: qual a da planta, a do irracional, a do homem.

Também deve-se verificar porque as almas formam esta série. Porque em verdade, sem a alma nutritiva não se dá a sensitiva; no entan-

to, <sup>vivente</sup> nutritiva encontra-se separada da sensitiva nas plantas. Entre <sup>os</sup> que têm a faculdade de sentir, uns podem mover-se localmente, outros não. Alguns poucos estão dotados de razão e entendimento. Os sêres corruptíveis que raciocinam, possuem tôdas as demais faculdades mas não todos os que têm algumas destas faculdades estão dotados de ração, senão que alguns carecem de fantasia, e outros vivem só dela.

A alma é causa e princípio do corpo vivente. Isto se pode entender de muitas maneiras. Mas a alma é causa juntamente segundo os três modos que temos definido; porque indica aquilo de onde procede o movimento; e aquilo por cuja causa se efetua; e finalmente a alma é causa porquanto é a essência dos corpos animados.

Apresentadas as suas definições de alma e propostas as respectivas faculdades, Aristóteles passa a estudar a sensação em geral e assevera que a faculdade sensitiva não é algo que está em ato, mas só em potência; o sentido é aquilo que pode receber formas sensíveis sem sua matéria, como a cera recebe a imagem do anel, e não o ferro nem o ouro: toma sim a imagem dourada ou bronzeada, mas não o quanto é do ouro ou do bronze. Os sentidos são apenas cinco: vista, ouvido, olfato, gôsto e tacto.

Após considerar cada um dos sentidos de per si, no livro terceiro, dedicado ao senso comum, fantasia e entendimento, afirma que a parte da alma chamada entendimento (aquilo com que a alma pensa e julga) não é nenhum ser em ato antes de entender. Logo não é razoável dizer que está misturado com o corpo; porque em tal caso teria alguma qualidade ou de frialdade ou de calor ou algum órgão como o possui a faculdade sensitiva; mas de fato nada têm.

Recapitulando o que temos dito sôbre a alma, repetiremos que ela é, de certo modo, tôdas as coisas, porque os sêres se dividem em sensíveis e inteligíveis e o conhecimento se identifica de algum modo com o cognoscível, como a sensação com o sensível. Convém agora investigar como acontece isto.

O conhecimento e a sensação se dividem como as coisas; é o conhecimento e sensação em potência, correspondem às coisas em potência; se estão em ato, às coisas em ato. As faculdades sensitiva e cognoscitiva da alma são em potência estas coisas: a intelectiva é o inteligível; a sensitiva é o <sup>sensível</sup> sensitivo. De onde se segue que ou são as coisas mesmas ou suas formas. Mas, não são as coisas mesmas, porque não é a pedra, que está na alma, senão a sua forma.

Há, por conseguinte, semelhança entre a mão e a alma. Como a mão é o instrumento de todos os instrumentos, assim o entendimento é forma das formas e o sentido é forma do sensível.

Finalizando, poderemos afirmar que, para Aristóteles, a alma é

o princípio de quanto vive; ela existe, unida essencialmente ao corpo, em todos os seres vivos, quer vegetais, quer animais (irracionais ou racionais). Como consequência, os fenômenos psíquicos poderiam ser conscientes ou inconscientes. No homem, a sede do mundo psíquico seria o coração, onde estariam alojados todos os seus sentimentos.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- Aristóteles - "Tratado del Alma" - España-Calpe Argentina S. A. - Buenos Aires - 1944.
- Brehier, E. - "Histoire de la Philosophie" - Felix Alcan - Paris - 1928 - 35 - Nouv ed.
- Brennan, R. E. - "Thomistic Psychology" - The MacMillian Company - New York - 1948.
- Bretano, F. - "Aristóteles" - Traducción del alemán por Moisés Sanchez Barrado - Editorial Labor, S. A. - Barcelona - 1930.
- Feuillée, A. - "Historia General de la Filosofía" - Traducción de F. Gallach Palés - Ediciones Anaconda - Buenos Aires - 1948.
- Molina, E. - "La Herencia Moral de la Filosofía Griega" - Editorial Nascimento - Santiago de Chile - 1938.
- Stocks, J. L. - "El Aristotelismo y su Influencia" - Traducción de Francisco Gonzalez Rios - Editorial Nova - Buenos Aires - 1947.
- Thomard, A. A. - "Précis de Histoire de la Philosophie" - Desclée & Cie. Paris - 1937.

II

CONCEPÇÃO CARTESIANA DAS RELAÇÕES ENTRE O CORPO E O ESPÍRITO

Em 1637, apareciam os primeiros ensaios de Descartes sob os títulos "Meteoros, Dióptrica e Geometria", precedidos, à guisa de prefácio, do "Discurso do Método" - Este último pode ser considerado como uma demonstração da disciplina espiritual de Descartes e nele se encerram severas críticas à instrução, ainda que primorosa, por ele recebida. Afirma que se havia nutrido de letras desde a sua infância e como o tivessem convencido de que, por meio delas, poderia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, teve um enorme desejo de aprender. Mal terminára, porém, todo o curso de estudos ao fim do qual se costuma ser incluído na categoria dos doutos, mudou inteiramente de opinião. Viu-se, aí, embaraçado por tantas dúvidas e erros que lhe parecia não ter tirado outro proveito senão o de ter descoberto cada vez mais a sua ignorância. Desta forma, mal lhe permitiu a idade que saísse da submissão aos seus preceptores, abandonou completamente o estudo das letras e resolveu a não buscar outra ciência a não ser a que pudesse encontrar nele mesmo ou no grande livro do mundo, empregou o resto da sua juventude em viajar, ver côrtes e exércitos, visitar pessoas de diversos temperamentos e condições, acumular várias experiências, procurar por si mesmo, nos encontros que a sorte lhe proporcionava por tôda a parte, a reflexão sôbre as coisas que se lhe apresentavam e das quais pudesse tirar algum proveito.

Se o "Discurso do Método" figura como a sua primeira obra, o "Tratado das Paixões da Alma", aparecido em 1649, ano em que parte da Holanda para Estocolmo a convite de Cristina, rainha da Suécia, representa o seu derradeiro trabalho. Nele revela a sua inabalável convicção de ter alcançado o completo domínio da íntima estrutura do corpo humano, reduzido a máquina e cujos fenômenos encontram explicação em termos de pura mecânica.

Foge aos objetivos d'este trabalho interpretar a filosofia cartesiana e, assim, conforme nos propusemos, apresentaremos tão somente a respectiva concepção das relações entre o corpo e o espírito.

O "Tratado das Paixões da Alma", a obra fundamental para o estudo do tema que escolhemos, está dividida em três partes, das quais a primeira é a que diretamente nos diz respeito.

-----0-----

Segundo considera Descartes, os filósofos a tudo o que se faz ou acontece de novo chamam uma paixão em relação ao sujeito a quem acontece e uma ação relativamente a quem a suscita. Desta forma, ainda que muitas vezes o agente e o paciente sejam distintos, a ação e a paixão nunca deixam de ser a mesma coisa com dois nomes, devido aos dois sujeitos diversos com os quais podem ser relacionados.

Para conhecer as paixões da alma, necessário se torna distinguir as suas funções das do corpo. O que mais diretamente atua sobre a nossa alma é o corpo a que está junta o, em consequência, aquilo que nela é uma paixão, representa nele, quase sempre, uma ação. O estudo das diferenças entre a alma e o corpo nos levará ao conhecimento das nossas paixões e, desta forma, a distinguir a qual d'elas se deve imputar cada uma das nossas funções. Para tanto, terá de ser atribuído exclusivamente ao nosso corpo tudo aquilo que, existindo em nós, possa existir também nos corpos inanimados; contrariamente, aquilo que em nós existe e não pode ser conferido especificamente a <sup>ao</sup> um corpo, deve ser admitido como pertencente à alma.

O calor e o movimento dos membros procedem do corpo, enquanto os pensamentos da alma e é um erro julgar que a alma dá o movimento e o calor ao corpo. Antigamente se imaginava ao ver todos os corpos mortos privados de calor e em seguida de movimentos, que era a ausência da alma que fazia cessar êsses movimentos e êsse calor. Considerou-se, por isso, erradamente, que o nosso calor natural e todos os movimentos do nosso corpo dependem da alma; verdade é que a alma não se ausenta quando se morre, mas porque êsse calor cessa e se corrompem os órgãos que servem para mover o corpo. A morte nunca sobrevem por culpa da alma, mas resulta da corrupção de quaisquer partes importantes do corpo. E a alma só abandona o corpo porque êle morre.

Todos os movimentos dos músculos, assim como todos os sentidos, dependem dos nervos - pequeninos fios ou tubos que, partindo do cérebro, da mesma forma que êste, contêm os espíritos animais, que são, de tôdas as partes do sangue, as mais vivas e sutís; rarefeitas pelo calor do coração, entram continuamente nas cavidades do cérebro. Para êste se dirigem, e não para qualquer outra parte do corpo, uma vez que todo o sangue que sai do coração pela grande artéria a êle se dirige em

linha reta. Por serem as passagens para o cérebro muito estreitas, nelas penetram apenas as partes mais agitadas e sutis, onde não necessitam sofrer qualquer outra transformação, mas apenas a separação entre as partes mais e menos sutis. Em última análise, o que é denominado de espírito não passa de matéria, sendo interessante assinalar que a epígrafe do artigo X da primeira parte do "Tratado das Paixões da Alma" tem por título "Como se produzem no cérebro os espíritos animais", enquanto o respectivo teor evidencia que os mesmos são produzidos pelo calor do coração.

Os espíritos animais são os excitantes que provocam todos os movimentos musculares e constituem o elemento primordial da fisiologia cartesiana.

Após ter considerado que todas as funções pertencem exclusivamente ao corpo, nada resta para ser atribuído à alma senão os nossos próprios pensamentos, que podem ser classificados em dois gêneros: uns são as ações da alma os outros as suas paixões. As ações são todos os nossos atos voluntários e as paixões as espécies de percepções ou sentimentos que temos. As volições compreendem as ações da alma, que se confinam na própria alma e se traduzem pela aplicação do nosso pensamento aos objetos não materiais, e as ações que se estendem ao nosso corpo, como, por exemplo, quando temos vontade de passear, as pernas se movem e caminhamos. Da mesma forma que as volições, as nossas percepções também são de duas espécies, tendo umas por causa a alma e outras o corpo.

Para provar que a alma está conjuntamente unida a todas as partes do corpo, Descartes expressa que não se pode dizer que exista uma das partes do corpo com exclusão das outras, pois o corpo é uno e dum certo modo indivisível, em virtude da disposição dos órgãos, de tal forma relacionados uns com os outros, que basta faltar um para que todo o corpo se torne defeituoso. E a alma tem uma natureza relacionada apenas com o conjunto dos órgãos do corpo, e não com a extensão ou com as dimensões ou com as propriedades da matéria que a forma. Não se pode conceber a metade ou o terço duma alma ou a extensão que ela ocupa nem o fato de não se tornar menor quando se tira qualquer parte do corpo.

Embora a alma esteja unida a todo o corpo, há neste uma parte em que ela exerce em especial as suas funções. Essa parte não é de modo algum o coração nem o cérebro no seu conjunto, mas sim uma certa glândula pequenina, situada a meio da substância cerebral, suspensa por cima do canal por onde os espíritos das suas cavidades anteriores e os das posteriores se comunicam. Os menores movimentos verificados nessa glândula modificam o curso desses espíritos e, reciprocamente, as meno

res alterações dêsse curso contribuem muito para mudar seus movimentos.

Descartes tomou como sede da alma essa glândula porque reparou que tôdas as partes de nosso cérebro, os olhos, as mãos, as orelhas e todos os órgãos dos sentidos externos são duplos, e que, como não temos senão um único e simples pensamento duma mesma coisa simultaneamente, é preciso que haja um lugar onde as duas impressões que provêm dum único objeto se possam fundir numa só.

Depois de considerar que não há nenhum outro lugar no corpo onde os espíritos animais possam assim unir-se, é lógico pensar que tem de ser nessa glândula onde as imagens se reúnem. Admitimos, pois, que a alma tem o seu centro principal nessa glândula.

Podemos usar o mesmo exemplo de Descartes para demonstrar como as impressões dos objetos se unem na glândula, que existe no meiodo cérebro. Se vemos um animal encaminhar-se para nós, a luz refletida do seu corpo pinta duas imagens dêle, uma em cada olho, estas formam duas outras, por intermédio dos nervos óticos, na superfície interior do cérebro, donde são irradiadas para a pequena glândula pelos espíritos animais que a envolvem. Cada uma dessas imagens tendo, por movimentos característicos, para um mesmo ponto da glândula, onde se superpõem, possibilitando, assim, que a alma faça ver a figura dêsse animal. Segundo o que essa figura nos lembra, surge na nossa alma a paixão consoante o diverso temperamento do corpo, ou a fôrça da alma e conforme tivemos agido anteriormente em casos semelhantes. Quando, os espíritos seguem para os nervos do coração, imprimem na glândula o movimento que provoca na alma uma paixão, por exemplo, o medo, <sup>em que</sup> ao mesmo tempo alguns espíritos são destinados às pernas para a fuga. Mas também, êles causam um outro movimento na mesma glândula pelo qual a alma sente e se apercebe dessa fuga, que dessa maneira pode ser excitada no corpo pela simples disposição dos órgãos e sem que a alma intervenha.

Todos os cérebros não estão dispostos de idêntica maneira e, assim, a mesma impressão que a presença de um objeto faz sôbre a glândula, pode provocar noutros a coragem e a ousadia.

Quando a alma se quer lembrar de qualquer coisa, a sua ação se reduz a mover pequena glândula a que está intimamente unida, a fim de produzir o efeito correspondente a essa volição. Essa vontade faz a glândula impelir os espíritos para diversas regiões do cérebro, até encontrarem aquela onde existem os traços dos objetos de que nos veremos lembrar. Êsses traços consistem na maior facilidade adquirida pelos poros do cérebro, anteriormente abertos pelos espíritos no seu curso sob a ação do objeto, para de novo serem abertos da mesma maneira pelos espíritos que para êles vêm. Êstes segundos espíritos entram nelas mais facilmente e provocam na glândula um movimento particular que re-

presenta à alma o mesmo objeto e lhe faz ver que é êle de fato aquêle de que se queria recordar.

Cada volição está naturalmente unida a um movimento da glândula, mas, por habilidade ou hábito, se pode uní-la a outros.

As nossas paixões não podem ser diretamente provocadas ou suprimidas pela ação da vontade, mas sim indiretamente pela representação das coisas que habitualmente estão associadas às paixões que queremos ter e que são contrárias às que queremos suprimir.

O pretense combate entre a parte inferior da alma, denominada sensitiva, e a superior ou racional, se reduz ao conflito que se trava entre as duas impulsões a que a glândula está sujeita, impelida, dum lado, pela alma e, de outro, pelos espíritos animais, impulsões que, por vezes, são contrárias, impedindo a mais forte o efeito da outra.

Os espíritos provocam na glândula duas espécies de movimentos: uns representam à alma os objetos que excitam os sentidos mas que nada influem sôbre a sua vontade; e os outros são os que nela influem, os que causam as paixões ou os movimentos correspondentes do corpo.

Não há alma tão fraca que, sendo bem conduzida, não possa adquirir um poder absoluto sôbre as suas paixões. Tendo o homem um corpo não pode deixar de sofrer paixões, pois tem de sofrer o choque das coisas exteriores que por seu intermédio o afetam. Mas o corpo pode reduzir o seu império sôbre a alma, com o conhecimento claro e distinto, pela transposição das paixões do plano da percepção para o plano das idéias.

Do exposto, poderemos verificar que, para Descartes, a alma não existia nos vegetais nem nos animais, mas somente no homem; a sua imortalidade está caracteristicamente definida e a sua união ao corpo é apenas accidental. Os fenômenos psíquicos são exclusivamente conscientes e a sua sede não está no coração mas no cérebro ou, mais precisamente, na glândula pineal, ponto de atuação da alma sôbre o corpo, emra aquela coexista intimamente unida a êste.

INDICAÇÕES    BIBLIOGRÁFICAS

- Brehier, E. - "Histoire de la Philosophie" - Felix Alcan - Paris  
1928-35 - Nouv ed.
- Cresson, A. - "Descartes - Sa vie, Son oeuvre, Sa philosophie" - Pres-  
ses Universitaires de France - Paris - 1946.
- Descartes - "Discours de la Méthode" - Bibliothèque des Lettres -  
Paris.  
- "Les Passions de L'Ame" - Bibliothèque des Lettres -  
Paris.
- Fouillo, A. - "Historia General de la Filosofia" - Traducción de F. Gal-  
lach Palés - Ediciones Anaconda - B. Aires - 1943.  
- "Descartes" - Traducción de Alberto A. Graziano - Editori-  
al Americanae - Buenos Aires - 1944.
- Laberthonnière- "Etudes sur Descartes" - Oeuvres de Laberthonnière pu-  
bliées par les soins de Louis Canot - Librairie Philo-  
sophique J. Vrin - Paris - 1935.  
- "Études de Philosophie Cartésienne et premiers écrits phi-  
losophiques" - Librairie J. Vrin - Paris - 1938.
- Laporte, J. - "Le Rationalisme de Descartes" - Presses Universitaires  
de France - Paris - 1945.

III

CONCEPÇÃO BERGSONIANA DAS RELAÇÕES ENTRE O CORPO E O ESPÍRITO

Embora tivesse publicado anteriormente alguns ensaios, a primeira das grandes obras de Bergson aparece em 1896, sob o título "Essai sur les données immédiates de la conscience", à qual, após alguns pequenos trabalhos insertos em revistas diversas, se succede, no ano seguinte, "Matière et Memoire", ensaio sobre as relações do corpo com o espírito, cuja questão é discutida principalmente no capítulo IV, intitulado "De la délimitation et de la fixation des images. Perception et matière. Ame et corps." Em 1912, Bergson pronuncia a conferência "L'Ame et le corps", publicada com diversos outros estudos no volume "Le matérialisme actuel", da Bibliothèque de philosophie scientifique, sob a direção de Gustav Le Bon. Esta conferência, fundamental para o estudo que estamos realizando, foi republicada em 1919 no volume "L'Énergie spirituelle", que reunia diversos ensaios e conferências do grande pensador francês. Nela, muitas das idéias anteriormente expressas no livro "Matière et Memoire" são reproduzidas, havendo mesmo estes dois sub-títulos: "Ce que suggère l'étude de la memoire et plus particulièrement de la memoire des mots" e "Où se conservent le souvenirs?" Ainda que isso se verifique, ao tratarmos da concepção bergsoniana das relações entre o corpo e a alma, a fim de não alongar demasiadamente o presente capítulo, não nos deteremos na análise da diferença que o filósofo faz entre a memória pura ou memória lembrança e a memória hábito, que ajuda as lembranças puras a se materializarem, a se tornarem presentes.

----- X -----

Sob o título "Alma e corpo", objetiva Bergson tratar do espírito e da matéria, isto é, de tudo o que existe, sem que o anime a intenção de se aprofundar na natureza da matéria nem na do espírito, uma

vez que se podem distinguir as coisas e determinar as suas relações sem conhecer a natureza ínterna de cada uma delas. Desta forma, sem pretender definir a essência da alma e do corpo, demonstra o que os une e o que os separa, pois tal união e tal separação refletem fatos de experiência.

#### Tese do senso comum -

Cada um de nós é um corpo submetido às mesmas leis que regem as demais porções da matéria; se empurrado para a frente avança, se para trás retrocede e, se levantado e abandonado ao próprio peso, cai. Mas juntamente com estes movimentos que são provocados mecanicamente por uma causa exterior, outros existem que parecem vir de dentro e que se distinguem dos precedentes pelo seu caráter imprevisto; são chamados voluntários. Qual a sua causa? Esta é o que cada um de nós designa pela palavra "eu". Que é o "eu"? Algo que parece, com ou sem razão, transbordar de tôdas as partes do corpo e que o ultrapassa tanto no espaço como no tempo. No espaço, porque o corpo de cada um de nós termina nos contornos precisos que o limitam, enquanto por nossa faculdade de perceber e mais particularmente de ver, podemos chegar até as estrelas. No tempo, porque o corpo é matéria, a matéria está no presente, e se é verdade que o tempo deixa nela impressões, estas não são do passado, mas para uma consciência que as percebe à luz do que recorda: a consciência retém este passado, volve-o sobre si mesma à medida que o tempo decorre e prepara com êle um porvir que contribuirá para criar. Assim, ao lado do corpo que está confinado ao momento presente, no tempo, limitado ao lugar que ocupa, no espaço, que se conduz como um autômato e reage mecanicamente às influências exteriores, percebemos algo que impõe ao corpo movimentos não mais automáticos e previstos, mas imprevisíveis e livres: esta coisa que transborda do corpo por todos os lados e que cria atos, criando-se de novo, ela mesma, é o "eu", é a "alma", é o "espírito" por ser precisamente o espírito uma força que pode tirar de si mesma mais do que contém, devolver mais do que recebe, dar mais do que possui. Isto é o que cremos ver. Tal é a aparência.

#### Tese materialista -

Tudo isso não passa, porém, de aparência. A alma nunca age diante de nós sem um corpo. A consciência se desvanece se respiramos clorofórmio e se exalta se bebemos álcool ou café. Uma ligeira intoxicação pode motivar profundas modificações na inteligência, na sensibilidade e na vontade. Uma intoxicação duradoura, como as que são consequências de certas enfermidades infecciosas, produzirá a alienação; as autópsias de alienados testemunham lesões cerebrais. As lesões de qualquer ponto da zona rolândica entre o lóbulo frontal e o parietal trazem consi

go a perda dos movimentos do braço, da perna, do rosto, da língua. A mesma memória, que representa especial função do espírito, pôde ser em parte localizada; junto à terceira circunvolução frontal esquerda estão alojadas as lembranças dos movimentos de articulação da palavra; em uma região que interessa à primeira e segunda circunvoluções temporais esquerdas se conserva a memória dos sons das palavras; na parte posterior da segunda circunvolução parietal esquerda repousam as imagens visuais das palavras e das letras. Mas não é só. Afirma-se que no espaço como no tempo, a alma ultrapassa o corpo a que está unida. É verdade que a vista e o ouvido vão além dos limites do corpo, mas porque? Porque as vibrações que chegam de longe impressionam o olho e o ouvido, transmitindo-se ao cérebro; aí, no cérebro, a excitação se converte em sensação auditiva e visual; a percepção é, portanto, interior ao corpo e não transcende dêle. Pretende-se que o espírito abranja o passado, enquanto o corpo está confinado em um presente que recomeça incessantemente. Mas nós não nos lembramos do passado senão porque nosso corpo conserva sua impressão ainda presente. As impressões produzidas pelos objetos sôbre o cérebro ali permanecem como imagens sôbre uma placa sensibilizada ou como fonogramas sôbre discos fonográficos; do mesmo modo que o disco repete a melodia quando se faz funcionar o aparelho, assim o cérebro ressuscita a lembrança quando a sensação desejada se produz no ponto em que a impressão repousa. Logo, nem no tempo, nem no espaço, transborda a alma do corpo.

Haverá realmente uma alma distinta do corpo? Acabamos de verificar que no cérebro se produzem trocas incessantes ou, para falar mais precisamente, deslocamentos e agrupações novas de moléculas e de átomos. Bergson propõe a distinção entre o cerebral e o mental, assim se exprimindo:

A verdade é que, se pudéssemos ver através do crânio o que acontece num cérebro que trabalha, se dispuséssemos para observar o interior de instrumentos capazes de aumentar milhões e milhões de vezes outro tanto do que aumentam os nossos microscópios mais poderosos, e assistíssemos, assim, à dança das moléculas, átomos e eletrons de que se compõe o córtex cerebral, e se, por outra parte, possuíssemos a táboa de correspondência entre o cerebral e o mental, quero dizer, o dicionário que permitisse traduzir cada figura da dança em linguagem de pensamento e de sentimento, saberíamos também, como a pretensa "alma", tudo o que ela pensa, sente e quer, tudo o que crê fazer livremente e o que faz mecânicamente. E mais, sabê-lo-íamos melhor que ela, pois esta chamada alma consciente não esclarece mais que uma pequena parte da dança intercerebral, não é mais que o conjunto dos fogos fátuos que revolteiam por cima de tais ou quais agrupamentos privilegiados de átomos, en-

quanto nós assistiríamos a tôdas as agrupações de todos os átomos, à dança intercerebral tôda inteira. Essa "alma consciente" é um efeito que percebe efeitos; nós veríamos, em troca, os efeitos e as causas.

### Crítica -

Isto é o que se diz algumas vêzes em nome da ciência. Mas é evidente que se se chama científico o que é observado ou observável, demonstrado ou demonstrável, uma conclusão como esta nada tem de científico, posto que, no estado atual da ciência, nem sequer vislumbramos a possibilidade de comprová-la.

### Que sugere a experiência? -

Efetivamente, que nos demonstra a experiência? Ela nos evidencia que a vida da alma ou a vida da consciência está ligada à vida do corpo, que há solidariedade entre <sup>ambos</sup> e nada mais. Tal ponto nunca foi discutido por quem quer que seja e há muita diferença entre isto e sustentar que o cerebral é equivalente ao mental e que se poderia ler num cérebro tudo quanto acontece na consciência correspondente. Assim, a consciência está incontestavelmente cravada num cérebro, mas daí não resulta, de modo algum, que o cérebro desenhe todos os detalhes da consciência, nem que a consciência seja uma função do cérebro. Tudo o que a observação e a experiência, por conseguinte, a ciência nos permitem afirmar, é a existência de uma certa relação entre o cérebro e a consciência.

Que fez até agora a filosofia pela solução do problema? Os filósofos não desceram aos fatos, apresentando apenas soluções metafísicas. Não souberam dar aos cientistas uma filosofia flexível, perfectível, baseada na experiência. Os cientistas procederam então "como se" o pensamento não fôsse mais do que uma função do cérebro, pois só sobre êste têm êles ação, com os métodos de que dispõem: observação e experimentação. Mas como não se pode prescindir da filosofia, os cientistas aceitaram dela a doutrina que melhor se harmonizava com as suas conveniências. A única hipótese precisa que a metafísica dos três últimos séculos nos legou foi a do paralelismo rigoroso entre a alma e o corpo - uma equivalência exata entre o cerebral e o mental. Assim se compreende que os sábios que hoje filosofam sobre as relações do psíquico com o físico se aliam à hipótese do paralelismo - os metafísicos não lhes proporcionaram outra coisa. Nela encontraram um estímulo para avançar - é admissível que preferissem esta entre as demais obtidas pelo método de construção à priori. Mas que não nos venham dizer, os cientistas, que a experiência revela um paralelismo rigoroso entre vida cerebral e vida mental - já então não estará falando o cientista, mas o metafísico; e o que faz é devolver o que tomou emprestado da filosofia e uma mercadoria muito velha (sex. XVII) . Dê-na pelo que é. Não a façam passar pelo resultado da ciência, por teoria modelada sobre fatos - a hipótese do paralelismo tem a forma perfei

ta e definitiva em que se reconhece uma construção metafísica.

#### Exposição da própria doutrina -

Procuraremos agora formular a relação entre a atividade mental e a cerebral tal como aparecem, sem idéias preconcebidas. Uma fórmula dêste gênero, necessariamente provisória poderia aspirar a uma probabilidade crescente, fazendo-se mais precisa à medida que aumentasse o conhecimento dos fatos. Eis, em grandes rasgos, a nossa conclusão:

Quem pudesse ver um cérebro em plena atividade saberia indubitavelmente algo do que passa no espírito - mas saberia muito pouca coisa - Creio que se a nossa ciência do mecanismo cerebral fôsse perfeita e se o fôsse também a nossa psicologia, poderíamos adivinhar o que se passa no cérebro em determinado estado de alma; mas a operação inversa não seria possível, porque teríamos que escolher, para um mesmo estado cerebral, entre uma multidão de estados de alma diferentes - igualmente apropriados, pois na moldura daquêle estado cerebral caberiam igualmente vários quadros diversos; por conseguinte, o cérebro não determina o pensamento e o pensamento é em grande parte independente do cérebro. Na faculdade de perceber, o corpo recebe excitações às quais responde por movimentos apropriados; o cérebro ( e o sistema nervoso cérebro-espinhal)preparam os movimentos; mas a percepção é outra coisa. Na faculdade de que rer, o corpo executa movimentos voluntários, graças a mecanismos montados no sistema nervoso; o cérebro é o ponto donde parte o sinal e a descarga; é um comutador pelo qual uma excitação exterior dada pode ser posta em comunicação com um dispositivo motor escolhido à vontade; mas a própria escolha é outra coisa. Quando pensamos, é raro que não falemos conosco mesmos, preparando ou ainda articulando os movimentos pelos quais se expressaria o nosso pensamento - e algo deve esboçar-se no cérebro. Mas detrás dos movimentos interiores de articulação, há algo mais útil, que é o essencial; os movimentos nascentes que indicam as direções sucessivas do espírito. O pensamento real, concreto, vivo, é coisa de que os psicólogos não têm falado - o que estudam sob êste nome é uma imitação artificial, obtida pela reunião de imagens e de idéias. Não o pensamento mesmo, que não se constitui de simples posições. A idéia é uma detenção do pensamento; o pensamento é essencialmente uma mudança contínua de direção interior. Os movimentos nascentes pelos quais o pensamento se exterioriza em ação devem ser preparados e como que preformados no cérebro que trabalha, e não o pensamento mesmo. Numa fórmula simples, diria que o cérebro é um órgão de pantomima. Porque extrai da vida do espírito tudo o que pode ser articulado em movimentos, constitui o ponto de interseção do espírito com a matéria. Não é, pois, órgão de consciência, de pensamento, nem de sentimento, mas faz com que êstes estejam voltados para a vida real e que sejam capazes de ação eficaz - é órgão de atenção à vida. Assim uma desordem cerebral tem como resultado um relaxamento da a-

tenção que o espírito fixava no mundo material.

Para combater a tese contrária e confirmar a nossa, examinaremos os fatos da memória que parecem mais favoráveis à tese paralelista. A única função do pensamento para a qual se pode assinalar um lugar no cérebro é a memória e, mais concretamente, a memória das palavras. Há um ponto sobre o qual todos estão de acordo - as enfermidades da memória das palavras são causadas por lesões do cérebro, mais ou menos localizadas - Os que fazem do pensamento uma função do cérebro e que crêm num paralelismo de equivalência explicam que as lembranças estão acumuladas no cérebro sob a forma de modificações impressas - se desaparece a memória é porque os elementos anatómicos nos quais repousam estão alterados ou destruídos.

Se as lembranças visuais dos objetos fôsem as impressões deixadas no cérebro, não teríamos de um objeto e muito menos de uma pessoa uma lembrança praticamente invariável - prova evidente de que não se trata de um registro mecânico. Sucede que, em alguns casos, o afásico recobra a memória perdida, se sofre, por exemplo, uma forte emoção. Como explicar isso? Se as lembranças estavam na matéria cerebral e ela foi destruída, mesmo que se recompusesse, seriam células novas, virgens.

Parece mais plausível que as coisas se passem como se o cérebro servisse para chamar as lembranças e não para conservá-las. O afásico é incapaz de achar, com precisão, a palavra; o que lhe falta é um ajustamento à situação. O que está atacado, no doente, é a faculdade de fazer a lembrança consciente, esboçando os movimentos pelos quais se prolongaria um ato. Examinemos o caso de afasia progressiva, em que o esquecimento das palavras se vai agravando. Observa-se que obedecem a uma ordem: primeiro são esquecidos os nomes próprios, depois os comuns, os adjetivos e finalmente os verbos. Parece favorável à tese materialista - seriam atacadas as camadas correspondentes, uma após outra. Mas não é isso o que se verifica - qualquer que seja o tipo e a direção das lesões, segue-se a mesma ordem. Proponho a explicação de que assim é porque desaparecem em ordem de dificuldade. Os verbos são mais fáceis de evocar - porque expressam ações, e uma ação pode ser mimada. Os adjetivos só o podem por intermédio dos verbos e assim por diante, sendo necessário sempre um artifício mais complicado. A atividade cerebral apresenta-se mais como um extrato imitado da atividade mental que como equivalente desta. Mas onde estão as lembranças, neste caso? Será sentido aqui perguntar "Onde"? Direi que estão no espírito ... O cérebro faz o serviço de manter nossa atenção sobre a vida. Para o espírito, viver é essencialmente concentrar-se sobre o ato que se vai realizar. É, pois, inserir-se nas coisas, por intermédio de um mecanismo que extrai da consciência tudo o que

é utilizável para a ação, deixando na penumbra a maior parte. Temos, pois, que a vida do espírito não é efeito da do corpo, nem lhe está inseparavelmente ligada.

É verdade que a imortalidade não pode ser demonstrada experimentalmente: toda experiência encerra uma duração limitada e, quando a religião fala de imortalidade, apela para a revelação.

Reduzido o problema filosófico do destino da alma a suas proporções mais modestas, este não aparece como insolúvel. Se o trabalho do cérebro correspondesse à totalidade da consciência, se houvesse equivalência entre o cerebral e o mental, a consciência poderia seguir os destinos do cérebro e a morte seria o fim de tudo. Mas, se, como temos tratado de demonstrar, a vida mental ultrapassa a vida cerebral, se o cérebro se limita a traduzir em movimentos uma pequena parte do que acontece na consciência, então a sobrevivência da alma torna-se tão verossímil que a obrigação da prova caberá mais a quem a negue, do que a quem a afirme.

Em última análise, para Bergson, o cérebro é órgão de pantomima porque extrai da vida do espírito tudo o que pode ser articulado em movimentos; constitui o ponto de interseção do espírito com a matéria. O cérebro, portanto, não é órgão de consciência, de pensamento ou de sentimento, mas faz com que estes estejam voltados para a vida real; é, como muito bem o afirma - órgão de atenção à vida.

Bergson se manifesta contra a tese paralelista do corpo e do espírito e estabelece profunda distinção entre o cerebral e o mental, admitindo, no entanto, que estejam intimamente associados. O mental transcende do cerebral e, assim, a imortalidade da alma é fato cuja prova não cabe aos que a afirmam, mas, tão somente, aos que a negam.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- Brehier, E. - "Histoire de la Philosophie" - Felix Alcan - Paris  
1928-35 - Nouv ed.
- Bergson, H. - "Essai Sur les Données Immediates de la Conscience"  
Felix Alcan - Paris - 1914 - 15e. ed.  
-"Matiere et mémoire" - Felix Alcan - Paris - 1914 -  
11e. ed.  
- "L'Evolution Creatrice" - Felix Alcan - Paris -  
1907 - 3e. ed.  
- "L'Energie Spirituelle" - Presses Universitaires de  
France - Paris - 1949 - 52e. ed.
- Martins, D. - "Bergson" - Livraria Tavares Martins - Porto - 1926.
- Maritain, J. - "La Philosophie Bergsonienne" - Librairie Marcel Ri-  
vière - Paris - 1930.

IV

DIFERENÇAS ENTRE AS CONCEPÇÕES ARISTOTÉLICA, CARTESIANA E BERGSO-  
NIANA DAS RELAÇÕES ENTRE O CORPO E O ESPÍRITO

- CONCLUSÕES -

Da exposição que vimos de fazer das concepções aristotélicas, cartesianas e bergsoniana das relações entre o corpo e a alma, evidente se torna que êsses grandes pensadores não são unânimes nos seus pontos de vista. Muito ao contrário, em algumas questões chegam a se colocar em posição até diametralmente oposta.

Nosso maior esforço no trabalho em aprêço, desde que nenhum mérito lhe possa ser reconhecido, se traduz - e com isto por certo concordarão aquêles que se acostumaram à complexidade das idéias e doutrinas dos grandes pensadores de tôdas as épocas - pela forma realmente objetiva com que, sob o título de Conclusões, apresentamos as diferenças entre as concepções aristotélica, cartesiana e bergsoniana das relações entre o corpo e a alma.

Ei-las:

( V. quadro na página seguinte )

Diferenças no Estudo das Relações entre o Corpo e a Alma

<u>FILOSOFOS</u>	Natureza da alma	Natureza do corpo	Tipo de União	Localização da alma	Natureza dos fenômenos psíquicos	Imortalidade da alma
<u>ARISTÓTELES</u>	Princípio de vida; existente em todos os seres animados (vegetais, animais, e o homem) A alma corresponde ao que existe em atualidade.	Matéria - potência - O corpo corresponde ao que existe em potencialidade	Essencial. O corpo forma com a alma um todo indissociável.	Coração ( o cérebro apenas resfria o sangue	Inconscientes e conscientes	Não está caracteristicamente definida.
<u>DESCARTES</u>	Res cogitans: espírito, uno, independente, existe só no homem. Somente o pensamento pertence à alma.	Matéria - movimentos mecânicos. Todas as funções pertencem ao corpo.	Acidental - A alma abandona o corpo quando cessa o seu calor e se corrompem os órgãos.	Glândula pineal (ponto de atuação da alma sobre o corpo)	Somente conscientes.	Está caracteristicamente definida.
<u>BERGSON</u>	Penpsiquismo. A alma existe em tudo o que tem vida.	O corpo é uma imagem privilegiada.	Acidental, de ordem operativa. A alma ultrapassa o corpo no tempo e no espaço. O cérebro constitui o ponto de interseção entre o espírito e a matéria.	Por ser espírito não pode ser localizada.	Inconscientes e conscientes.	Admite a sua possibilidade

BIBLIOGRAFIA

- Aristóteles - " Tratado del Alma" - Buenos Aires - 1943  
 - " Política " - Buenos Aires - 1947.
- Barbosa, R. - "Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições complementares da Instrução Pública" . Rio de Janeiro - 1883.
- Bergson, H. - " Essai Sur les Donnoes Immediates de la Conscience".- Paris - 1914.  
 - " Matière et Mémoire" - Paris - 1914.  
 - " L'Evolution Creatrice" - Paris - 1907.  
 - " L'Energie Spirituelle" - Paris - 1949.
- Binet, A. - " L'Ame et le Corps" - Paris - 1907.
- Bréhier, E. - " Histoire de la Philosophie" - Paris - 1928-35.
- Brennan, R.E. - "Thomistic Psychology" - New York - 1948.
- Bretano, F. - "Aristóteles" - Barcelona - 1930.
- Cresson, A. - "Descartes, sa vie, son oeuvre, sa Philosophie" . Paris 1946.
- Descartes, R. - "Discours de la Méthode - Paris  
 " Les Passions de l'Ame" - Paris.
- Fouillée, A. - " Historia General de la Filosofia" - Buenos Aires - 1943.  
 " Descartes" - Buenos Aires - 1944.
- Juvenal - "Satiras" - São Paulo - 1943.
- Laberthonnière - "Etudes sur Descartes" - Paris - 1935.  
 "Etudes de Philosophie Cartésienne et premiers écrits philosophiques"- Paris - 1938.
- Laporte, J. - "Le Rationalisme de Descartes" - Paris - 1945.
- Lindhard, J. - "Teoria de la Gimnasia" - Buenos Aires - 1945.
- Lourenço Filho, M. B. - "Psicologia e Educação Física" - in Revista de Educação Física - Rio - 1935.
- Maritain, J. - "La Philosophie Bergsonienne" - Paris - 1930.
- Martins, D. - "Bergson" - Porto - 1926.
- Molina, E. - " La Herencia Moral de la Filosofia Griega" - Santiago de Chile - 1938.
- Montaigne, M. - "Essais" - Paris.
- Platon - "L'Etat ou la Republique" - Paris.

- Rabelais, F. - "Gargantua" - Rio de Janeiro.  
Rousseau, J.J. - "Emile ou de l'Education" - Paris.  
Spencer, H. - "De l'éducation intellectuelle, morale et physique".  
Stecks, J.L. - "El Aristotelismo y su Influencia" - Buenos Aires -194  
Thonnard, A.A. -"Précis de Histoire de la Philosophie" - Paris.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Aristóteles - 3-4-6-7-9-10-11-13-15  
36.

Bretano - 15-36.

Bergson - 3-4-24-26-30-31-36.

Binet - 3-6-7-36.

Brehier - 15-22-31-36.

Brennan - 15-36

Cresson - 22-36.

Cristina - 17.

Demócrito - 3 -9.

Descartes - 4-17-18-19-20-21-22-36

Fouillée - 15-22-36

Juvenal - 5-7-36.

Laberthennière - 22-36.

Laporte - 22-36.

Leucipo - 3.

Maritain - 31-36.

Martins - 31-36

Molina - 22-36.

Montaigne - 5-6-7-36.

Platão - 4-7-9-36.

Rabelais - 5-7-37.

Rousseau - 5-7-37.

Rui - 5-6-7-36.

Spencer - 5-7-37.

Stocks - 22-37.

Thonnard - 22-37.

ÍNDICE GERAL

Introdução .....	2
I - Concepção aristotélica das relações entre o corpo e a alma .....	8
II - Concepção cartesiana das relações entre o corpo e a alma .....	16
III- Concepção bergsoniana das relações entre o corpo e a alma ....	23
IV - Diferenças entre as concepções aristotélica, cartesiana e bergsoniana das relações entre o corpo e a alma .....	32
Bibliografia .....	35
Índice onomástico .....	38
Índice geral .....	40

Epicuro { Ninguém pode ser feliz sem ser sábio  
 " " " " " " " moderado  
 " " " " " " " corajoso  
 " " " " " " " justo.

Filosofia, Ciência e Arte na Educação Física Contemporânea

Conferência pronunciada no I Encontro Regional de Educação Física, em Pôrto Alegre, pelo Prof. Inezil Penna Marinho, em 16 de dezembro de 1961.

I - Filosofia da Educação Física na vida do homem pré-histórico.

- a) concepção naturalista; o gesto de atirar.
- b) concepção guerreira;
- c) concepção desportiva. { Jogos lúdicos modernos — guerra: dor  
 " " históricos — paz: prazer

II - Fundamentos aristotélicos de uma Filosofia da Educação Física. pag. 7.

- a) para cada animal há um prazer que lhe é próprio e que responde à sua atividade; - Teoria de Karl Groos
- b) o prazer completa e aperfeiçoa o ato.

III - Influência da concepção hedonista na Pedagogia moderna e seus reflexos sobre a Educação Física contemporânea. - pag. A Renascença

IV - Os sistemas culturistas como precursores do cientificismo na Educação Física.

- a) a miolatria;
- b) a ginástica respiratória;
- c) o halterofilismo. { existência - maior duração, maior quantidade de trabalho. } melhoramento mecânico do gesto fisiológico.

V - A contribuição dos fisiologistas para os fundamentos científicos da Educação Física moderna.

- a) os trabalhos de Démeny, Lindhard e Bellin du Coteau; Herlitzka, Larson,
- b) predominância dos movimentos sintéticos sobre os analíticos nos atuais sistemas de ginástica. - predominância da função s/a forma - crítica de Spencer

VI - O cientificismo a serviço da Educação Física e dos Desportos nos principais países.

{ Suécia  
 Estados Unidos  
 União Soviética

VII - A arte clássica na Educação Física.

{ pré-helênicos - 3.000 a 200 a.C.  
 Arcaico - sec. XII a VI a.C.  
 Clássico - sec. V e IV a.C.  
 Helenístico - de Alexandre ao Imp. Romano.  
 Pitágoras - Amigo de Delífilo  
 Míson - Discóbulo  
 Policleto - Doríforo  
 Fidias - Zeuxíades

VIII - A contribuição de Nováto, Delsarte e Dalcroze para a expressão artística dos movimentos corporais. { Dança Teatro Música

IX - A arte viva expressa pela técnica deslumbrante dos campeões de nossos dias: o prazer completa e aperfeiçoa o ato e o ato completo e perfeito é a satisfação da necessidade de prazer. { Ademar Ferreira da Silva, Manoel dos Santos, de Eder Jobe, de Maria Gothen

X - A Educação Física nos ajuda a descobrir a beleza da vida e alcançar maturidade para senti-la, a compreender Aristóteles quando afirma: "o prazer se encontra estreitamente ligado com a vida e o homem ama o prazer porque ama a vida."

{ forma: interesse empírico  
 " " especulativo } coisas  
 " " estético

{ 2ª forma: interesse empírico  
 " " social religioso } pessoas

Uma expressão corporal para cada valor musical  
 senso do rítmico - plástica

Filosofia

Ciência

Arte

criador do Ballet de ação dramática

Herbart

o movimento expressa os sentimentos

